

Portugal aos Trambolhões

Sátiras da Quinta Democrática

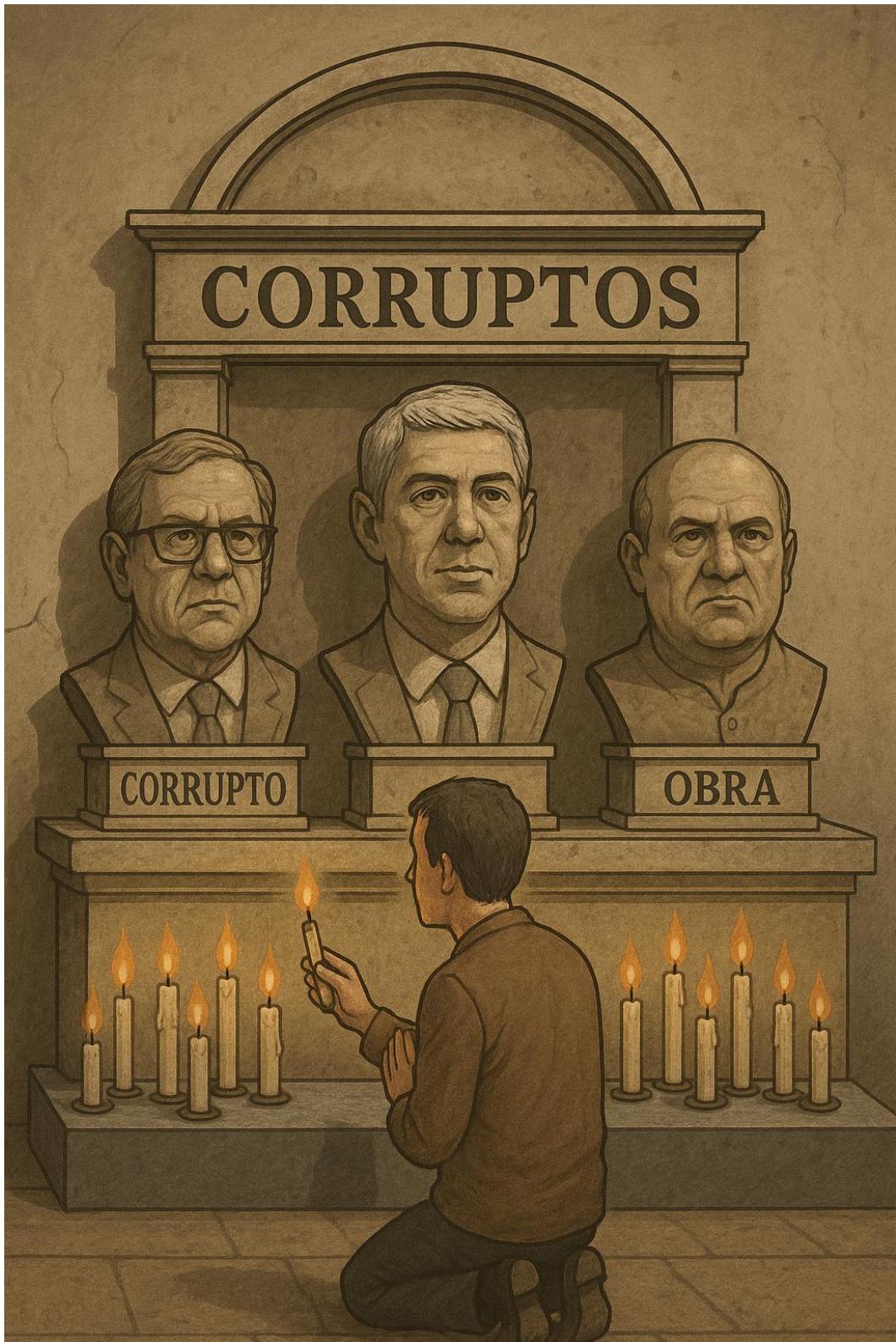
Francisco Gonçalves & Augustus Veritas Lumen ■

Índice

Capítulo 1 – Corruptos, Mas Com Obra

Capítulo 2 – Portugal no Elevador da Glória

Corruptos, Mas Com Obra: O Evangelho Segundo o Povo Amnésico



"Dai-nos hoje o nosso betão de cada dia, e perdoai-nos as nossas vigarices, assim como

perdoamos aos nossos líderes larápios.”
(Evangelho segundo São Isaltino, capítulo das rotundas)

Portugal, esse pequeno retângulo à beira-mar plantado e de memória afundada, chega aos 50 anos de "democracia" como quem chega aos 90 de vida: já não ouve bem, repete sempre as mesmas baboseiras e sorri com ternura para os que lhe enfiam a mão no bolso.

Diz-se povo livre, mas aprendeu bem cedo a frase de ouro que o mantém acorrentado:
“Eu não quero saber de política.”
Como se fosse uma nobre renúncia ou uma superioridade zen. Como se ignorar a política fosse um dom de elevação moral, e não o atalho mais rápido para ser governado por salteadores de colarinho branco.

E no meio das queixas sobre impostos, habitação e salários de miséria, ouve-se sempre a pérola reluzente da conivência:

“Se eu estivesse no lugar deles, também roubava.”

Aqui está, em poucas palavras, o epitáfio antecipado da nação: a absolvição pré-paga dos corruptos, com selo e assinatura popular. Porque o problema não é o político ladrão, é o povo que já sonha com a oportunidade de roubar também.

E é nesta missa campal da canalhocracia que se erguem os santos padroeiros da corrupção eficaz:

- São Isaltino dos Bolsos Cheios, que fazia rotundas e estacionamentos debaixo da mesa.
- São Sócrates, o Milagroso, que transformava défices em powerpoints e mentiras em comícios.

Ah, Sócrates!

O homem que nos levou à Troika de braços dados com o endividamento eterno, que erguia obras e descia reputações ao rés-do-chão.

Mas “fez obra”, dizem eles. E isso, em Portugal, é redenção suficiente.

Construir betão é, pelos vistos, superior a construir justiça.

Roubar milhões é aceitável, se no fim sobrarem umas placas de inauguração e uns centros comerciais vazios no meio de nenhures.

“É corrupto, mas faz obra.” Eis a versão moderna de “rouba mas dá aos pobres” — só que sem dar aos pobres, claro.

E se amanhã José Sócrates aparecer candidato às presidenciais, não duvidem:
Haverá quem vote nele com o peito cheio de orgulho e o cérebro em poupança de energia.
Afinal, é dos nossos. Fala bem, rouba com estilo e até tem bom gosto em vinhos e

apartamentos em Paris.

E depois queixam-se...

Que não há casas.

Que os filhos emigram.

Que os salários não chegam.

Que os hospitais são labirintos sem médicos.

Mas no fim, lá estão na fila de voto, a escolher o corrupto que “fala melhor”, que “dá espetáculo”, ou que “pelo menos fez alguma coisa”.

Este povo não precisa de políticos honestos.

Precisa de um espelho.

E de coragem para olhar para ele.



■ Facto em Destaque

A política portuguesa, retratada como um elétrico desgovernado, desce em queda livre rumo ao abismo — e todos nós vamos lá dentro.

■ Portugal no Elevador da Glória... rumo ao abismo

“Desbloquemos tudo!”, gritam os políticos nacionais, enquanto se amontoam num elétrico amarelo a descer desgovernado pela calçada da Glória. Parafusos a saltar, travões partidos, cordas soltas – a imagem não podia ser mais fiel ao estado da política portuguesa.

No interior da cabine, todos os protagonistas se acotovelam: uns prometem ética, outros juram que vão salvar o país, mas todos partilham o mesmo destino – a queda. Marcelo acena, Montenegro protesta, Costa olha de soslaio, Rio tenta segurar um manual de moralidade já amachucado, enquanto os partidos menores gritam mais alto para se ouvirem no meio da barafunda.

O povo, cá em baixo, assiste com um misto de resignação e sarcasmo. Não há heróis nesta viagem. Há apenas um país inteiro metido num elétrico descontrolado, alimentado pela retórica da “mudança” mas preso a décadas de impasse, corrupção e mediocridade.

A caricatura lembra-nos que a política portuguesa, tantas vezes vendida como “o elevador social”, mais parece um Elevador da Glória a caminho da ruína: faz barulho, sacode

passageiros e nunca chega ao destino prometido.

Enquanto os parafusos continuam a saltar, resta-nos a amarga constatação: em Portugal, a democracia também anda aos trambolhões – e nós vamos todos dentro do mesmo elétrico.